

JUV
ENT
UDES
EM
CUR
SO

CADERNO DE INSPIRAÇÕES Nº1

2020
CURSOS
MEMBROS
UNIDADES
TENTATIVAS
VULNERÁVEIS



ITAÚ SOCIAL
PROGRAMA REDES JUVENTUDES

JUVENTUDES EM CURSO:
CADERNO DE INSPIRAÇÕES N.º 1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Juventudes em curso : caderno de inspirações /

[textos e coordenação editorial Fernanda Fragoso

Zanelli, Renata Alencar, Tailze Melo]. —

São Paulo : Fundação Itaú Social, 2019.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-66932-37-9

1. Educação de jovens 2. Educação integral

3. Juventude – Aspectos sociais 4. Políticas públicas

5. Programa Redes Juventudes (Brasil) 6. Projetos

sociais I. Zanelli, Fernanda Fragoso. II. Alencar,

Renata. III. Melo, Tailze

19-23325

CDD-362.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Programa Redes Juventudes : Caderno de inspirações :

Ação social : Bem-estar social

362.72

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

FICHA TÉCNICA

INICIATIVA

Itaú Social

Vice-presidente

Fábio Barbosa

Superintendente

Angela Dannemann

Gerente de Fomento

Camila Feldberg

Coordenadora Redes Juventudes

Fernanda Fragoso Zanelli

CRÉDITOS

Textos e coordenação editorial

Fernanda Fragoso Zanelli

Renata Alencar

Tailze Melo

LEITURA CRÍTICA

Angela Dannemann

Camila Feldberg

Fernanda de Andrade

Patricia Mota Guedes

ESPECIALISTAS CONVIDADOS

Alexandre Barbosa Pereira

Bel Santos

Bruno Souza

João Carlos Guilhermino da Franca

Regina Novaes

Tony Marlon

COMUNICAÇÃO

Coordenação do Projeto

Tayrine Santana

Design

Marcelo Batista

Ricardo Donato

Ilustrações

Luis Matuto

Revisão Ortográfica

Roberta Martins

AGRADECIMENTOS

JOVENS

Alex Sandro Alves de Lira Luciano

Beatriz Toneto Delphino

Bruno Souza de Araujo

Danilo Fernando Roberto

Dayana de Almeida Moraes

Ernandes Bezerra dos Santos

Gabriel Pascoal Cardoso de Araujo

Gabriela Oliveira

Gustavo Gama dos Santos

Heloisa Rodrigues da Mota

Igor Moreno da Silva

Ikaro Ferreira da Silva

Joceval Silva dos Santos Filho

Karina Marta Julio

Lucas Jose

Marcia Marci A. Floriano de Souza

Natalia Freitas Pereira

Nayara Rosa da Silva

Rafael Simões

TÉCNICOS E EDUCADORES

Alex Nascimento da Conceição

Andrelissa Teresa Ruiz

Antonia MarluCIA Martins Gomes

Cássio Vinicius Afonso Viana

Cristiane Bernardino Dias

Edineia dos Santos Pereira

Elaine Gomes

Gabriel Di Piero Siqueira

Ingrid Soares

Juliana Rodrigues Ferro

Karoline Santos da Silva

Leonardo Bento

Liduína Moreira Lins

Mariana Bernardino Gondim de Souza

Marília Santini Fróis

Talita Fernanda Ferreira Ramos

Tatiane Sermento Duarte

Valdiane dos Santos Rocha

Valéria Alves da Silva

Fabio Muller

Gabriel Medina

Harika Maia

Luciana Modé

Marisa Villi

Priscila Pereira

Wagner Silva (Guiné)

EXTRA

E toda a equipe do Itaú Social

SUMÁRIO

VERBETES POÉTICOS E POTENTES: PRELÚDIOS › 9

CADERNO DE INSPIRAÇÕES: PESSOAS, IDEIAS
E TERRITÓRIOS QUE MOVEM AS JUVENTUDES › 11

1. REDES JUVENTUDES: CENÁRIOS, ESTRUTURA E FUNDAMENTOS › 15

1.1 › Juventudes: uma concepção plural › 20

1.2 › O foco nas Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e outros agentes territoriais › 22

1.3 › Redes Juventudes › 24

1.4 › Territórios e coletividades: concepções fundantes › 26

2. JUVENTUDES EM CURSO: TRAMAS FORMATIVAS › 31

2.1 › A escuta como estratégia metodológica › 37

2.2 › JUVENTUDES EM CURSO e a construção da primeira jornada formativa › 45

2.2.1 › O afeto: um conceito aglutinador e inspirador › 46

2.2.2 › Sobre trajetos e afetos: a jornada formativa e seus conteúdos em conexão › 51

PARA INSPIRAR: OS MÓDULOS E SEUS
MOVIMENTOS DE PENSAMENTO › 63

REFERÊNCIAS › 82

VERBETES POÉTICOS E POTENTES: PRELÚDIOS

CIDADE

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. (Ítalo Calvino)

COLETIVIDADES

Eu é cadeia. (Fernando Pessoa)

COMPLEXIDADE

Tudo que nos separava subitamente falhou. (Rubem Braga)

CORPO

O eu é o corpo. (Maria Rita Kehl)

FAMÍLIA

*Tem marcas, abala, mas não desaba.
(Jovem participante do projeto)*

JUVENTUDES

*Eu sofro de juventude
Essa coisa maldita,
Que quando tá quase pronta
Desmorona e se frita. (Tom Zé)*

PERIFERIA

Pode crer, mano, a gente tá aqui meio jogado, meio isolado, meio desesperançado, mas nunca meio derrotado, sempre meio tudo, menos meio derrotado, aqui ninguém vai desistir não, a gente ainda acredita em Zumbi, falta mais informação dele e de vários que são verdadeiros exemplos da palavra revolução, mas a gente consegue, né não? (Ferréz)

REDE

Rede é uma porção de buracos, amarrados com barbante – cujo paradoxo traz-nos o ponto de vista do peixe. (Guimarães Rosa)

TERRITÓRIO

O centro do mundo está em todo lugar. O mundo é o que se vê de onde se está. (Milton Santos)

VIOLÊNCIA

Eu precisaria de alguém que me ouvisse. Mas que me ouvisse sentindo cada palavra como um tiro ou uma facada. Cada palavra e seu significado sangrento. (Ariano Suassuna)



JUV
ENT
UDES
EM
CUR
SO

CADERNO DE INSPIRAÇÕES: PESSOAS, IDEIAS E TERRITÓRIOS QUE MOVEM AS JUVENTUDES

A publicação que você tem em mãos se apresenta como um *caderno de inspirações*. Um caderno de inspirações capta o frescor de ideias que estão sendo gestadas; ele é um suporte que acolhe tanto relâmpagos quanto elaborações sobre aquilo que nos move e nos motiva no mundo (não por acaso, é comum que o explorador, o cartógrafo e o artista tenham em mãos os seus cadernos de notas). Em um caderno de inspirações, de forma parecida com uma travessia, somos levados rumo a novas descobertas, trilhando movimentos não retilíneos. Há encruzilhadas, retornos, bifurcações. Lançamos nossas ideias, retomamos, hesitamos e vislumbramos o lugar do pensamento como um infinito movimento, sempre inacabado,

sempre em permanente construção. No **caderno de inspirações**, as ideias pulsam à espera de se conectarem com outras ideias.

Nada mais oportuno do que um caderno de inspirações para acolher as primeiras elaborações do novo programa para as juventudes do Itaú Social, no exato momento em que ele começa a se delinear. Podemos dizer que as nossas melhores ideias, aquelas com as quais de fato nos identificamos, surgem quando nos deixamos inspirar pelo mundo que nos cerca. Neste caso específico, **somos inspirados pelas juventudes das periferias,¹ em suas potencialidades e desafios.**

Pensar em juventudes (no plural, ressaltamos) é escolher um caminho que exhibe obliquidades e sinuosidades em suas veredas. Caminhos são sempre mutáveis e repletos de possibilidades – por isso, podemos sempre tomar novas trilhas e inaugurar novas jornadas. Portanto, ao pensar em um caderno de inspirações para um programa que tem como mote os jovens, precisamos acolher nesse receptáculo olhares diversos e alimentá-lo com referências de diferentes campos teóricos, práticas de escuta, encontros formativos com jovens, educadores e gestores e com todo um arcabouço de experiências anteriores que sinalizam para um conhecimento que se acumula e que reconhece novos desafios.

A consciência de desafios outros, diferentes daqueles antes enfrentados, motiva o **Redes Juventudes** a dedicar esforços para qualificar o debate sobre as juventudes brasileiras, bem como para contribuir para o aprimoramento de experiências dedicadas a esse público, com o objetivo final de garantir o desenvolvimento pleno dos jovens e estimular ambiências democráticas em suas comunidades para a produção social, cultural e econômica de grupos mais atingidos pelas desigualdades.

O novo programa do Itaú Social integra a Gerência de Fomento, dedicada ao fortalecimento de Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e a

redes e arranjos territoriais que essas organizações compõem, por meio de aporte de recursos financeiros e técnicos. A criação dessa nova Gerência é fruto da análise institucional sobre a importância das OSCs tanto no que diz respeito à elaboração de estratégias para o enfrentamento das desigualdades quanto no que se refere à consolidação da democracia, do fortalecimento da sociedade civil e da sua participação no controle de políticas públicas no Brasil.

Este caderno compila **percursos já construídos pelo Itaú Social**, destaca algumas **referências teóricas relevantes** e os coloca em diálogo com **escutas inspiradoras** realizadas com jovens, educadores, gestores de organizações sociais e pesquisadores que têm compromisso com o desenvolvimento integral de jovens. A particular combinação desses percursos já visitados, dos materiais, referências e encontros, de outrora e de agora, sedimenta a organização de temáticas emergentes para as juventudes. Está construída, portanto, a baliza inicial da primeira jornada formativa **JUVENTUDES EM CURSO**, um importante componente do Programa Redes Juventudes.

Ainda cabe dizer que investir em formação diz sobre a nossa crença no potencial de ambiências de troca entre agentes que desenvolvem ações para o público juvenil, abrindo uma janela para o aprofundamento

de diagnósticos sobre questões pertinentes às juventudes e também para a cocriação de novas práticas que respondem a esse panorama.

Que este caderno nos inspire e nos afete, acolhendo seu necessário movimento transformador. Boa leitura!

¹ Neste documento, o termo periferias não se restringe a localidades geográficas, mas à condição existencial que o conceito carrega, relacionado a todos que têm seus direitos sociais violados e que vivem as consequências da desigualdade social agravada pelos marcadores de renda, gênero e raça. Nessa perspectiva, vale acrescentar que compreendemos os territórios periféricos também como espaços de potência, a despeito de toda a precarização a que estão expostos.

1

REDES
JUVENTUDES:
CENÁRIOS,
ESTRUTURA E
FUNDAMENTOS

REDES JUVENTUDES: CENÁRIOS, ESTRUTURA E FUNDAMENTOS

1

A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA JOVENS URBANOS

Ao longo dos 14 anos em que realizou o Programa Jovens Urbanos, o Itaú Social em parceria técnica com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC, acumulou um importante legado de aprendizados acerca de conceitos e metodologias para as juventudes residentes em periferias de grandes centros urbanos.

O Programa, que apostava principalmente na ampliação do arcabouço sociocultural dos jovens, com vistas ao desenvolvimento integral destes, obteve ao longo de sua realização importantes resultados referentes ao aumento de geração de renda, à ampliação da escolaridade e ao aprimoramento de habilidades fundamentais para a vida pública, tais como a elaboração

do pensamento crítico, a expressão de ideias, a circulação pelos espaços da cidade e a produção de intervenções comunitárias.

A paisagem conceitual em torno dessa temática, formulada pelo Programa, ainda nos serve de norte neste novo trabalho. Já no início de sua concepção o Jovens Urbanos estava sintonizado com o debate no campo das juventudes que, naquele momento, defendia a ideia do jovem como sujeito de direitos, portanto, legítimo no tempo presente, afastando-se das leituras que associavam a importância da juventude unicamente a partir da projeção de futuro da sociedade ou somente como etapa transitória.

Ao finalizar o ciclo de edições do Programa, em 2017, avaliamos que tínhamos uma trajetória consistente no campo das juventudes, que nos permitia subsidiar práticas em aspectos que consideramos fundamentais ao lidar com as demandas juvenis.



Uma relevante sistematização dos marcos do Jovens Urbanos – realizado em parceria técnica com o CENPEC – foi publicada em 2013: “Jovens Urbanos: marcos conceituais e metodológicos”.

Em 2017, outra publicação do Programa se destaca no âmbito da assessoria prestada à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais por ocasião da reforma do Ensino Médio do Governo Federal e da implantação do Ensino Médio integral na rede. Trata-se de uma amostra da atuação do Programa, que priorizava ampliar seu alcance e colaborar diretamente para a construção de políticas públicas. Sobre esse aspecto, recomendamos a leitura dos livros “Itinerários para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais – parte I: concepções e metodologias” e também o “Itinerários para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais: parte II: gestão democrática, currículo e mudança educacional”.

NOVOS FLUXOS

Em 2016, o Itaú Social, em parceria com o Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, publica a pesquisa “Novos fluxos na busca por oportunidades: trajetória de jovens na periferia da cidade”. O estudo parte de fenômenos juvenis potentes no cenário nacional, tais como rolezinhos e ocupações secundaristas, para evidenciar o potencial dessa geração de jovens brasileiros na criação de estratégias para enfrentamento das desigualdades e alcance de novas oportunidades em suas trajetórias de vida.

A publicação organiza recomendações para gestores e educadores de programas sociais e de políticas públicas e tem como fonte prioritária de investigação um rico processo de escuta empreendido com os jovens. Motivada por esse campo de interações com os jovens e em diálogo com relevantes aportes teóricos, a pesquisa evidencia os desafios e as soluções que as juventudes sinalizam, dando a ver todo um processo de construção de conhecimento que ocorre no cerne dos territórios periféricos. Essa percepção, não por acaso, contribui diretamente e se faz ver na concepção do novo Programa Redes Juventudes.



JUVENTUDES: UMA CONCEPÇÃO PLURAL

1.1

O Itaú Social reafirma seu compromisso com o **desenvolvimento integral** de adolescentes e jovens de baixa renda residentes em **territórios periféricos**. Sua estratégia primeira é a ampliação de repertórios socioculturais e também o reconhecimento das expressões e produções dessas juventudes como narrativas de conhecimento. Estamos nos referindo, aqui, ao fato de os próprios sujeitos analisados passarem para o lugar de analistas de suas trajetórias e identidades coletivas.

Mais do que adotar em nossa atuação a faixa etária específica para a população jovem – 15 a 29 anos, conforme preconiza o Estatuto da Juventude² -, interpretamos como vitais os dilemas e desafios presentes nessa etapa da existência, tais como a formação de marcos culturais e identitários e a composição de escolhas de vida que serão fundantes na construção dos itinerários de experiências de cada jovem.

Foram necessários longos anos para que as lentes míopes e fracionadas que rotulavam socialmente os jovens ora como estudantes, ora como menores infratores fossem gradativamente superadas por leituras que tinham como ponto de partida a compreensão do sujeito em sua integralidade, reconhecendo, assim, que a sua vivência multifacetada abrigava complexidades presentes nas próprias dinâmicas sociais e culturais.

Para tratar as questões das juventudes é preciso, antes, reconhecer que essa parcela da população carrega consigo todos os desafios socioetários. Portanto, estamos falando de demandas que atravessam diferentes setores, tais como educação, trabalho, moradia, cultura etc. Assim, lidar com a temática juvenil é enfrentar as contradições, diferenças, desconexões e desigualdades³ tão presentes em nossa sociedade atual. Nesse caso, é como fazer um corte transversal no bolo demográfico brasileiro, destacando uma

de suas camadas de “recheio” – a faixa entre 15 e 29 anos – e, a partir daí, reconhecer, na primeira garfada, sabores, texturas e cores que dão forma ao bolo como um todo.

Por isso, para desvendar os fenômenos juvenis, se faz necessário desvelar o contexto histórico do qual são frutos. Os ingredientes são os mesmos. Como coloca Regina Novaes, “**a juventude é como um espelho retrovisor da sociedade**” (NOVAES, 2007, p. 2), no sentido de que ela é resultante do quadro social contemporâneo – que, por sua vez, forjou-se a partir de disputas passadas.

Ao colocarmos uma lupa sobre as trajetórias e práticas de sujeitos que convivem em um mesmo recorte temporal, os jovens da geração nascida entre 1989 e 2003 (grupo que representa um quarto da população brasileira), é possível rastreamos fenômenos sociais que abrem novas janelas de interpretação para nosso momento atual e desvendarmos, ainda, manifestações que emergem da fricção entre as gerações.

A atuação com as temáticas juvenis, portanto, compreende o diálogo com as diversas dimensões que compõem os sujeitos e suas coletividades. Isso quer dizer lidar não só com as demandas objetivas dessa fase da vida, tais como primeiro emprego, escolaridade formal, participação social e

política, mas também subjetivas – como, por exemplo, as questões que orbitam o universo afetivo: identidade, pertencimento, desejos, tensões psíquicas e os **circuitos de afetos**⁴ em que esses sujeitos estão embricados.

Tratar as **juventudes no plural** é reconhecer a heterogeneidade e as **diferentes condições juvenis**⁵ que coexistem. Tais singularidades estão presentes na forma como cada sociedade interpretará esse ritual de passagem para a vida adulta. Além disso, em uma mesma sociedade, camadas geográficas, de renda, raciais e de gênero, ou seja, os marcadores das desigualdades sociais, também irão incidir na forma como cada sujeito vive a juventude.

É importante ressaltar que, para além de um conjunto de demandas complexas, as juventudes também são importantes agentes de produção de novas soluções sociais capazes de modificar realidades atuais e de projetar novos cenários futuros. Muitos deles já demonstram essa capacidade de desbravar fronteiras em suas próprias trajetórias de vida.

Assim, transcendendo ao vício de enquadramento do jovem por uma lógica maniqueísta – ora problema, ora solução –, devemos compreendê-lo como sujeito que não só deve ter seus direitos garantidos, mas que também pode participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

² Vale ressaltar que o Estatuto da Juventude, no Brasil, é uma conquista recente, tendo sido aprovado em 2013 (Lei n.º 12.852/2013).

³ É preciso salientar, a este respeito, que os 10% de pessoas mais ricas concentram 43% de todos os rendimentos do país, enquanto as 10% mais pobres detêm 0,7%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2017”.

⁴ A abordagem da sociedade como um *círculo de afetos* é desenvolvida por Vladimir Safatle (2016). O autor nos permite pensar os corpos sociais em permanente condição de agenciamento, nos conduzindo a uma pertinente relativização dos contornos do conceito de identidade tal como é habitualmente tratado.

⁵ Os diversos modos de se vivenciar a juventude são discutidos por Helena Abramo no artigo “A condição juvenil no Brasil contemporâneo” (2005).

O FOCO NAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL (OSCS) E OUTROS AGENTES TERRITORIAIS

1.2

Um aspecto frequentemente negligenciado por programas e políticas para as juventudes é o fomento a redes de **capital social**⁶ para que jovens de diferentes faixas de renda, CEP, etnias e identidades de gênero⁷ possam conviver e estabelecer laços de ajuda mútua, que serão fundamentais também para o ganho de capital cultural e simbólico. A ideia de capital social não é menos importante quando tratamos dos profissionais que atuam com o tema das juventudes, tais como educadores, gestores e pesquisadores.

A série de movimentos liderados por jovens nos últimos anos (*rolezinhos* e ocupações secundaristas, por exemplo) nos lembra de que a decodificação das inventividades juvenis está sempre a nos escapar por entre os dedos⁸. A forma como alguns grupos se reorganizam e articulam novas táticas de

enfrentamento às desigualdades sociais de que são vítimas escapa à lógica de comando e controle estabelecida pelas instituições e políticas voltadas para esse público.

Em um momento tão incerto na cena política e social, em que os debates e posicionamentos são atualizados a cada instante, há um descompasso claro entre a morosidade e a rigidez institucionais e as práticas sociais e culturais lideradas pelas juventudes.

Mais do que nunca, as organizações sociais e equipamentos públicos territoriais, que estão na linha de frente de questões urgentes (tais como os altos índices de violência física e simbólica contra jovens, de evasão escolar e de desemprego, entre outras), precisam articular-se intersetorialmente, mas também com outros movimentos e organizações

do bairro – incluindo as coletividades juvenis, muitas vezes desinstitucionalizadas. Necessitam também reconectar-se com suas próprias missões, repactuando o modo como realizam diagnósticos, formulam ações e estabelecem governanças.

Nesse sentido, para além do fomento relacionado aos recursos financeiros, tônico necessário para fortalecer o corpo institucional, as organizações precisam de novos tempos e espaços para que achados do fazer diário da atuação com as juventudes sejam decantados e transformados em conhecimento.

O isolamento dos educadores e gestores sociais é uma condição muito comum nas organizações sociais e dispositivos territoriais, já que os recursos destinados aos projetos raramente dedicam rubricas ao intercâmbio entre pares, ou mesmo estimulam ações colaborativas que não estejam ligadas a projetos específicos⁹ (geralmente formulados fora da organização).

A proposta empreendida a seguir, o Programa Redes Juventudes, dialoga com a necessidade de articular espaços de troca e reflexão conjunta entre OSCs e organismos territoriais a fim de fazer emergir questões e soluções que inauguram novos olhares sobre as juventudes brasileiras.



⁶ O capital social diz respeito à qualidade das conexões que os atores estabelecem em uma rede social. Trata-se de um valor decorrente das interações entre os sujeitos e mensurado a partir das relações de confiança e reciprocidade ali constituídas. Para Bourdieu, o capital social é um suporte do capital coletivo, estando fortemente atrelado à noção de capital cultural (repertórios, conhecimentos) e simbólico (reconhecimento, credibilidade). Cf. *Vocabulário Bourdieu* (CATANI, 2017).

⁷ Neste texto, utilizamos a expressão *identidades de gênero* entendendo a importância da paisagem conceitual que tal expressão articula. Nesse sentido, vale esclarecer que sempre que houver a redação de alguma palavra indicativa de gênero no masculino, ela também acolherá a leitura no feminino.

⁸ Neste ponto, mobilizamos a referência de Glória Diógenes (2006), para quem atuar com juventudes demanda “decifração contínua”.


⁹ Segundo dados do Censo GIFE 2016, 58% dos respondentes apoiam programas de OSCs a partir de linhas programáticas pré-estabelecidas e apenas 24% dos 116 investidores respondentes afirmam apoiar institucionalmente Organizações da Sociedade Civil (GIFE, 2017).

REDES JUVENTUDES

1.3

O Redes Juventudes diz de um conjunto de iniciativas articuladas que se atentam para a diversidade dos modos de ser juvenis e para sua particular dinâmica de estar sempre em movimento – resistindo a qualquer tentativa de classificação e categorização estanques. O tecer junto¹⁰, o fazer em rede que estamos propondo convida a um gesto de (co)laboração.

Trata-se de um deslizar pelo terreno escorregadio dos nossos tempos, mas nos apoiando uns nos outros, antecipando quedas e curvas perigosas e, de quando em quando, também apreciando belas paisagens. A proposta é que nosso mapa contemple sempre a vivacidade de contornos recém-traçados.



O REDES JUVENTUDES OPORTUNIZA A INAUGURAÇÃO DE UMA REDE QUE VISA FORTALECER A AUTORIA DOS AGENTES TERRITORIAIS, CUJO PROCESSO SERÁ NARRADO ESSENCIALMENTE PELOS CAMINHOS DESBRAVADOS POR ELES. A COMPREENSÃO DE QUE O FAZER EM REDE É A ÚNICA FORMA DE LIDAR COM AS QUESTÕES COMPLEXAS INERENTES ÀS JUVENTUDES NOS FEZ RENOVAR A COMPOSIÇÃO DE NOSSOS PROJETOS, NO SENTIDO DE AMPLIFICAR AS VOZES EMERGENTES DO CAMPO E TRABALHAR CONSTANTEMENTE COM AS MENSAGENS TRAZIDAS POR ELAS – PARA QUE DE FATO SEJAM SUBSÍDIOS PARA TODO O SISTEMA DE ATUAÇÃO.

¹⁰ “O complexo é o que é tecido junto”, nos diz Edgar Morin (1996).

A essência desta rede que está sendo gestada não se restringe a aparatos tecnológicos, nem a um plano de atuação absolutamente comum, muito menos à ideia de consenso. Ao reconhecer os limites políticos e institucionais de cada agente e agenciamento, suas visões de mundo, interesses, disputas e desejos, alicerçamos nossa proposta em uma instância

temporária de troca (que, para alguns, poderá ser mais prolongada), a fim de realizarmos intercâmbios de angústias, *insights*, inspirações e táticas do agir e também um exercício do fazer junto. O olhar de cartógrafo, esse despir-se das lentes pré-concebidas, significa a abertura para ser afetado pelo percurso.

O REDES JUVENTUDES SE SUBDIVIDE EM DUAS FRENTES:

1 > Investimento em iniciativas de atuação com jovens:

apoio financeiro e técnico a projetos, parcerias estratégicas em iniciativas inovadoras e fortalecimento institucional de Organizações da Sociedade Civil de base comunitária que tenham como missão o desenvolvimento integral de adolescentes e jovens.

2 > Jornadas formativas para aprimoramento de práticas e composição de redes colaborativas:

subsídios conceituais e metodológicos que contribuam para o aprimoramento de ações sociais centradas no público juvenil. Nessa frente, destaca-se:

JUVENTUDES EM CURSO: ambiência para troca, formação e fomento à produção voltada às juventudes de baixa renda. Faz parte do curso o Laboratório de Práticas, que possibilita a conexão de diferentes agentes para cocriação e implementação de tecnologias sociais capazes de enfrentar desafios levantados a partir dos diagnósticos formulados em grupo.



TERRITÓRIOS E COLETIVIDADES: CONCEPÇÕES FUNDANTES

1.4

Com o propósito de desenvolver uma matriz temática orientadora da jornada formativa **JUVENTUDES EM CURSO** – matriz no sentido de ser suficientemente orientadora, mas também aberta a constantes transformações oriundas do próprio *tecer junto* (com jovens, educadores e gestores) –, duas frentes conceituais nos alicerçam nessa construção: *territórios* e *coletividades*.

A dimensão basilar que tais operadores conceituais assumem se justifica por sua relevância nos estudos empreendidos acerca das juventudes contemporâneas, mas também é reforçada por escolhas institucionais pautadas em um processo de aderência a demandas sociais colocadas por grupos historicamente invisibilizados. É sobre tais aspectos que versa esse tópico.

A concepção de **território**, por sua relevância, já se encontra internalizada nas iniciativas empreendidas pelo Itaú Social para as

juventudes – e sobre ela contamos com um robusto acervo de pesquisas, aprendizados e experiências. A abordagem de território que aqui nos interessa vai muito além de um espaço geográfico delimitado. Ele é entendido como o espaço tomado pelo viver e pelo agir, fundado nas relações que ali se estabelecem, nas constantes negociações e disputas ou mesmo na mera fruição das práticas nele experienciadas.

Território é o espaço relacional do qual irrompem questões do coletivo e do particular. Ao fortalecer as instituições sociais no cumprimento de suas missões, como preconizam algumas ações de nossa Gerência de Fomento, trabalha-se para que esses dispositivos sejam, além de canais de lutas comunitárias por garantia de direitos básicos, espaços de produção social, cultural, econômica e política de agentes locais. Nesse contexto, as organizações sociais são vistas também pelo Redes Juventudes como pontos estratégicos nos

territórios a serem estimulados como forma de canalizar e multiplicar soluções sociais geradas e legitimadas no próprio campo.

A concepção de território, portanto, além de vetor estrutural de todo modelo de fomento do Itaú Social, também é o fio condutor do

Redes Juventudes, que articulado à noção de coletividade, nos guia por um caminho lógico no labirinto de pautas diversas e complexas que as dinâmicas juvenis revelam. Assim, o território delinea as bases das temáticas de forma transversal, o que significa dizer que ele atravessa todas as questões nelas presentes.

AO TRABALHAR A PARTIR DA PERSPECTIVA TERRITORIAL, A ESCOLHA É PRIORIZAR O FORTALECIMENTO DE DISPOSITIVOS LOCAIS QUE ATUAM COM JUVENTUDES, COMO, POR EXEMPLO, OSCS, ESCOLAS, BIBLIOTECAS, CENTROS COMUNITÁRIOS, COLETIVOS E OUTROS AGENCIAMENTOS INERENTES ÀS DINÂMICAS SOCIAIS DESSES ESPAÇOS. A PREMISSA É QUE POLÍTICAS PÚBLICAS ESTRUTURAIS DE EDUCAÇÃO, SAÚDE, TRANSPORTE, ASSISTÊNCIA, EMPREGO E SEGURANÇA, ENTRE OUTRAS, PRECISAM SER CADA VEZ MAIS INTERSETORIAIS E ARTICULADAS TERRITORIALMENTE PARA QUE DE FATO ESTEJAM SINTONIZADAS COM AS DEMANDAS DESSA PARCELA DA POPULAÇÃO.



Tomamos, portanto, o conceito de território atrelado à própria formação da identidade perpassada por interesses, conflitos e jogos de poder que são colocados ao “sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (SANTOS, 2000, p. 96).

Para além dos territórios em que vivem, a cidade também assume um papel fundamental para as juventudes, fazendo-se um privilegiado espaço de conhecimento, ampliação de redes e experiências. Ao mesmo tempo em que é transformado pela cidade, o jovem também a transforma, desestabiliza certezas ao provocar as instituições pela via da diversidade de usos e apropriações. Para Paulo Carrano, as juventudes:

inserir ruídos de diversidade em instituições acostumadas a lidar com o imaginário das identidades únicas (o militante, o sindicalista, o religioso, o estudante etc.). Os jovens, tanto nos novos espaços de participação quanto nos espaços clássicos, parecem dizer “nós somos muitos e múltiplos” e, assim como Fernando Pessoa afirmou, parecem dizer que o “Eu é cadeia” (CARRANO, s.d., p. 2).

A menção a Fernando Pessoa realizada por Carrano no fim do trecho acima acentua a diversidade de modos de viver a juventude e também sua condição de vida em rede, em conexão. Nesse sentido, cabe associarmos tal modo de existência ao conceito de **coletividade**, que também orienta as bases do Redes Juventudes.

Ao pensar em coletividade, estamos no terreno fértil da alteridade, da diversidade, da interação, da relação, do encontro, do compartilhamento, dos agenciamentos, da apropriação, da mobilização e da rede: paisagens de sentido que parecem sugerir chaves interpretativas que consideramos significativas ao olhar para as demandas juvenis.

Em uma primeira instância, já nos salta a realidade de que muitos jovens se organizam na cena contemporânea, em termos de participação juvenil, nos agrupamentos chamados *coletivos*. A organização dos coletivos é assinalada pela autonomia, autogestão e horizontalidade, respondendo pela criação de estruturas que, cada vez menos, se pautam na forma de fazer dos espaços tradicionais de participação.

“COLETIVOS SÃO AGENCIAMENTOS, ASSOCIATIVISMOS E AGRUPAMENTOS DE JOVENS ATIVISTAS, PRODUTORES DE CULTURA, DENTRE OUTROS, EM PROL DE UM OU MAIS FINS. OS JOVENS SE AGRUPAM EM COLETIVOS, GERALMENTE, POR AFINIDADE/IDEIAS, POR RELAÇÕES AFETIVAS, POR QUESTÕES IDENTITÁRIAS OU POR TODOS ESSES ELEMENTOS JUNTOS. A NATUREZA DE DETERMINADO COLETIVO, OU SEJA, OS MOTIVOS, OBJETIVOS E INTERESSES QUE CONFORMAM DETERMINADOS AGENCIAMENTOS INDICAM TAMBÉM A NATUREZA DOS AGRUPAMENTOS. (...) OUTRO ASPECTO DOS COLETIVOS A SER RESSALTADO É O DA FLEXIBILIDADE E FLUIDEZ DA PARTICIPAÇÃO ENGENDRADA EM SEU INTERIOR. OS COMPROMISSOS, ACORDOS, NORMAS E REGRAS SÃO DETERMINADOS PELOS INDIVÍDUOS QUE DELES PARTICIPAM. NÃO SÃO COMUNS, NESSAS FORMAS ORGANIZATIVAS, OS ASPECTOS DA RIGIDEZ DAS CONDUTAS E TAMPOUCO A FIDELIDADE PARTICIPATIVA. A RELEVÂNCIA DO INDIVÍDUO – DOS DESEJOS E NECESSIDADES INDIVIDUAIS –, NO INTERIOR DE UM COLETIVO, APONTA PARA A REFLEXÃO SOBRE AS FORMAS DE AÇÃO COLETIVA MAIS FLEXÍVEIS E ‘LÍQUIDAS’, DISTINTAS DAS FORMAS PARTICIPATIVAS TRADICIONAIS.”

TRECHO DE OLIVEIRA, IGOR; HERMONT, CATHERINE. JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA. IN: CORREA, LICINIA M.; ALVES, MARIA Z.; MAIA, CARLA L. (ORGS.). CADERNOS TEMÁTICOS: JUVENTUDE BRASILEIRA E ENSINO MÉDIO. BELO HORIZONTE: ED. UFMG, 2014.

2

JUVENTUDES
EM CURSO:
TRAMAS
FORMATIVAS

JUVENTUDES EM CURSO: TRAMAS FORMATIVAS

2



JUVENTUDES EM CURSO é uma jornada formativa anual que objetiva a composição de redes diversificadas de agentes que atuam com juventudes em periferias, com o propósito de promover o desenvolvimento integral e a articulação local com vistas à transformação social.

Compreendemos como um eixo estrutural para essa iniciativa a composição de um grupo diverso não só em relação aos marcadores sociais da desigualdade (raça, gênero, renda), mas também em relação ao campo de atuação (poder público, organizações sociais, universidade e arranjos produtivos para desenvolvimento local), à função desempenhada (educador, gestor, articulador, produtor etc.) e à região geográfica em que trabalha. Acreditamos que, além de ser uma oportunidade de ampliação de capital social desses agentes, a rede diversificada contribui para a inauguração de novas leituras de mundo e de produções sociais que façam frente aos diagnósticos levantados.

A ideia é possibilitar um espaço de vivência de aprendizagem, intercalando aulas expositivas dialogadas com atividades formativas pela via da circulação em distintos territórios, além de laboratórios de práticas colaborativas. O contato entre esses agentes de variados contextos e a troca de experiências e desafios são componentes importantes da vivência que o curso oferece.

Os encontros de formação são conduzidos tanto por pesquisadores da área acadêmica com trabalhos relacionados a juventudes e periferias quanto por representantes de coletivos, organizações sociais e outros dispositivos que tenham experiências instigantes nos temas selecionados. Dessa forma, podemos expandir as fontes de conhecimentos e saberes, promovendo conexões entre olhares e modos diversos de trabalho com as juventudes.

JUVENTUDES EM CURSO

O QUE É? PARA QUEM? COMO?



OBJETIVO PRINCIPAL:

QUALIFICAR O DEBATE SOBRE AS TEMÁTICAS DAS JUVENTUDES BRASILEIRAS DE BAIXA RENDA E POTENCIALIZAR PRÁTICAS DESENVOLVIDAS NOS TERRITÓRIOS, PROPORCIONANDO UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO COLABORATIVA.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- › Possibilitar aprofundamento teórico e prático em temas emergentes na agenda das juventudes;
- › Identificar tendências de trabalho com o público juvenil;
- › Estimular a construção do conhecimento sobre juventudes de forma colaborativa;
- › Valorizar a prática como forma de aprendizado;
- › Estabelecer uma ponte entre conteúdos abordados na academia e demandas do campo;
- › Conectar diferentes agentes que estão desenvolvendo ações com e para juventudes;
- › Identificar experiências que podem ser apoiadas pela Gerência de Fomento do Itaú Social.

COMO SERÁ A JORNADA?

- › Percurso formativo construído a partir de atividades itinerantes, divididas em módulos presenciais;
- › Aulas dialogadas, conduzidas por pesquisadores acadêmicos e por profissionais atuantes em coletivos e organizações sociais;
- › Vivências práticas e circulação em diferentes espaços;
- › Debates entre participantes;
- › Laboratório de práticas colaborativas: espaço dedicado à construção de ações e projetos formulados entre os participantes do curso.

PÚBLICO: QUEM VAI SE ENCONTRAR NO CURSO?

- › Educadores e gestores de organizações da sociedade civil e de instituições públicas instaladas nos territórios, cujo objetivo principal dialogue com o desenvolvimento integral de adolescentes e jovens;
- › Jovens ativistas que empreendem iniciativas sociais e culturais que desenvolvam ações com e/ou para jovens em contextos periféricos, de forma articulada nos territórios, com o objetivo de desenvolvimento local e/ou integral dos jovens participantes;
- › Pesquisadores que atuam com temáticas relacionadas a juventudes e periferias e que desenvolvam ações sociais e/ou culturais conectadas à sua pesquisa, de forma autônoma ou no contexto universitário ou de organizações sociais.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

AO PARTICIPAR DAS ATIVIDADES DO REDES JUVENTUDES, PRETENDE-SE QUE OS CURSISTAS DESENVOLVAM AS SEGUINTE APRENDIZAGENS:

- › Aprimorar habilidade de leitura de contextos sociais contemporâneos em que as juventudes estão inseridas;
- › Ampliar referências conceituais e metodológicas;
- › Articular os conteúdos trabalhados às suas práticas cotidianas;
- › Desenvolver novas abordagens e estratégias de atuação com juventudes;
- › Elaborar propostas de trabalho colaborativas, em diálogo com novos agentes e com suas experiências, com diagnósticos de suas demandas e de seus territórios.

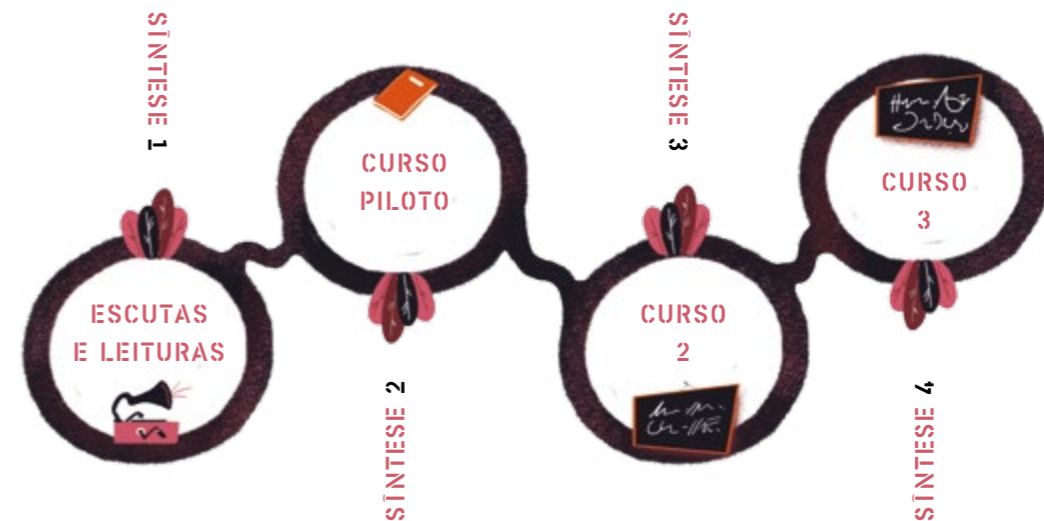
A ESCUTA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

2.1

Quando as pessoas percebem que estão sendo ouvidas, elas te dizem coisas.
(Richard Ford)

Há, na concepção do **JUVENTUDES EM CURSO**, um entendimento de que os percursos formativos sejam também percursos de escuta, que, por sua vez, alimentam o desenho das formações subsequentes. Dito isso, visando a constituição de uma sequência temática a compor a primeira jornada formativa, foram realizados encontros

de escuta com grupos de jovens, educadores e gestores atuantes em projetos para as juventudes. Trata-se da “etapa zero” do circuito formativo do **JUVENTUDES EM CURSO**, na medida em que os temas de interesse capturados nesses encontros se apresentam como subsídios para o desenho conceitual e metodológico a conduzir a “etapa um” da formação para educadores e gestores – momento que, por sua vez, acolherá também processos de escuta para a “etapa dois”, e assim sucessivamente.



PERCURSO REALIZADO PARA A FORMULAÇÃO DO JUVENTUDES EM CURSO: TRAJETOS E AFETOS (TURMA 1)



1. ESCUTA DE JOVENS

Captura lúdico-criativa de desejos, inspirações e tensões juvenis



2. ESCUTA DE GESTORES, EDUCADORES E ESPECIALISTAS

Captura de inspirações e estratégias adotadas no trabalho com as juventudes



3. LEITURA DE PESQUISAS RECENTES

Cruzamento dos temas levantados nas rodas de escuta, com dados de pesquisas recentes de maior abrangência estatística



4. ELABORAÇÃO DA 1ª JORNADA FORMATIVA

Sínteses e encadeamento das temáticas levantadas

6. "JUVENTUDES EM CURSO" EDIÇÃO PILOTO

Participação de jovens, gestores, educadores e pesquisadores

Abordagem de temáticas já mapeadas

+

Captura de novas questões emergentes



5. ANÁLISE CRÍTICA DE GRUPO HÍBRIDO, INCLUINDO PESQUISADORES E ATIVISTAS

Debate a partir da 1ª Jornada Formativa

Aspecto primordial no trabalho com as juventudes é reconhecer o dinamismo e a diversidade que caracterizam a condição juvenil. Ao mesmo tempo em que tais singularidades nos instigam e nos atraem a adentrar o universo do jovem, são também essas dimensões em movimento permanente que nos desafiam na captura de tendências e questões latentes.

É nessa perspectiva que elegemos a palavra **inspiração** como norteadora dos primeiros encontros realizados para a composição de contornos que subsidiarão o **JUVENTUDES EM CURSO**. *O que inspira nossos jovens? Que convergências e divergências há nas inspirações e percepções entre jovens e educadores?*



COMO COLHER INSPIRAÇÕES

ENTENDA COMO FORAM REALIZADOS OS ENCONTROS DE ESCUTA COM OS JOVENS

O QUE TE INSPIRA?

A metodologia ancorada na ideia de *inspiração* foi pensada como forma de escuta no sentido de acionar um panorama de referências importantes para os jovens, buscando em suas respostas um olhar menos indutivo sobre as questões que os motivam em seu devir no mundo.



A ESCUTA DOS JOVENS

Quem participou?

Grupo de jovens de 17 a 29 anos, moradores das periferias das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, homens, mulheres e do universo LGBTQIA+. Com atuação em monitorias culturais, ações empreendedoras no próprio território e no Programa Jovem Aprendiz, jovens em medida socioeducativa, jovens filiados a movimentos de igrejas. Alguns no Ensino Médio, no Ensino Superior e outros com superior completo.

ETAPA 1 INSTRUMENTAIS GRÁFICOS ESTIMULAVAM OS JOVENS A EXPLORAR AS SEGUINTESS QUESTÕES:

Quando você pensa no seu presente, quem te inspira?

Quando você pensa no seu futuro, quem te inspira?

Qual lugar te inspira?

ETAPA 2 “CONEXÕES: COMBINAR, ASSOCIAR, PENSAR EM REDE”

Aqui os jovens buscavam conexões entre suas inspirações. O espaço foi apropriado por um “emaranhado de inspirações”!

ETAPA 3 “SINTETIZAR”

Um painel coletivo foi feito, materializando a rede de inspirações dos jovens.



TODO O ESFORÇO METODOLÓGICO FOI NO SENTIDO DE CRIAR INSTRUMENTOS PARA GERAR UMA AMBIÊNCIA EM QUE AS INSPIRAÇÕES INDIVIDUAIS SE TORNASSEM ALGO MAIOR DO QUE QUANDO ERAM PARTES INDEPENDENTES, APONTANDO POSSIBILIDADES INVESTIGATIVAS QUE, DE FATO, POSSAM DIALOGAR COM O PLURAL E COMPLEXO CAMPO DAS DEMANDAS JUVENIS.



A AMBIÊNCIA GANHA CONTORNOS MAIS CRIATIVOS E QUE, PORTANTO, CONVIDA A EXPOR IDEIAS E EXPERIÊNCIAS, JÁ QUE A ESPACIALIDADE PODE ABRIR OU INIBIR A LIVRE EXPRESSÃO DE IDEIAS.



Em meio à diversidade de contribuições colhidas nos encontros de escuta, foi possível estabelecer algumas conexões¹¹ que nos permitiram chegar a cinco temas de interesse a compor o primeiro percurso formativo. São elas:



FAMÍLIA

IDENTIDADE E PERTENCIMENTO



AGENCIAMENTOS

REDES JUVENIS



CRIMINALIZAÇÃO DA JUVENTUDE

VIOLÊNCIA FÍSICA E SIMBÓLICA



CORPO

TENSÕES PSÍQUICAS E AUTOCUIDADO



MATERIALIDADES

EDUCAÇÃO, TRABALHO E PRODUÇÕES
SOCIAIS E CULTURAIS

¹¹ As conexões foram realizadas tomando como base a rede de inspirações produzida pelos jovens no encontro de escuta. Essa rede de inspirações dos jovens foi compartilhada com gestores e educadores que participaram da consolidação das cinco frentes de interesse consideradas prioritárias no trabalho com as juventudes.

JUVENTUDES EM CURSO E A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA JORNADA FORMATIVA

2.2

Uma vez consolidados os cinco eixos temáticos, capturados em momentos distintos de escuta com jovens, gestores e educadores, as questões que se colocam como fundamentais para a construção de uma jornada formativa são: **como recortar a amplitude de narrativas que cada um desses temas pode evocar? Como recortar tais temáticas de modo a efetivamente fazermos delas vetores para movimentos de pensamento? Como poderiam se conectar? Como abordá-las, de modo a contemplar os interesses colhidos nos grupos de escuta?**

A análise qualitativa dos depoimentos, conversas, instrumentais e processos nos conduziu a um conceito aglutinador que passa, portanto, a operar como lente para a problematização desses temas levantados. Trata-se de um denominador comum percebido em destaque nas várias trocas realizadas: **o afeto**.

AFETO: UM CONCEITO AGLUTINADOR E INSPIRADOR

2.2.1

Afetar diz respeito a ser tomado por emoções que podem se manifestar por dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, alegria ou tristeza. Tudo aquilo que nos afeta tem a ver com a capacidade que uma pessoa, artefato, situação, ideia, obra ou cidade possui de nos comunicar algum tipo de “emoção estranha”. Em última instância, somos afetados por aquilo que, de algum modo, nos desloca do estado habitual: “daquilo a que nossos olhos não podem ser indiferentes porque nos afeta, seja através das formas da atração, seja através da repulsa. No lugar da lei, das normas e das regras havia, na verdade, um circuito de afetos” (SAFATLE, 2016).

Podemos dizer que transformamos o que nos afeta em experiência, uma vez que a afecção diz respeito ao estado de sermos afetados pelo mundo. Tudo o que nos afeta, ou seja, tudo o que é tecido na “substância viva”¹² da nossa existência é uma experiência. No entanto, quando olhamos

como espectadores a experiência do outro, também estamos de algum modo transformando essa experiência alheia em algo subjetivo.

Vladimir Safatle nos apresenta uma concepção politizada de afeto, na medida em que compreende a sociedade como um “circuito de afetos” que diz dos modos de construção de corpos políticos. Nessa perspectiva, afeto e poder se entrelaçam, sobretudo quando pensamos em afetos construídos como conduções de formas hegemônicas de vida que se repetem e ordenam o modo como os sujeitos lidam com (e aceitam) determinados modos de vida.

Para Safatle, dar atenção às formas singulares de vida e dar acolhimento à demanda por transformação de uma sociedade passam por promovermos outros modos de afeto e outros modos de circulação de afetos.

“TALVEZ PRECISEMOS PARTIR DA CONSTATAÇÃO DE QUE SOCIEDADES SÃO, EM SEU NÍVEL MAIS FUNDAMENTAL, CIRCUITOS DE AFETOS. ENQUANTO SISTEMA DE REPRODUÇÃO MATERIAL DE FORMAS HEGEMÔNICAS DE VIDA, SOCIEDADES DOTAM TAIS FORMAS DE FORÇA DE ADESÃO AO PRODUZIR CONTINUAMENTE AFETOS QUE NOS FAZEM ASSUMIR CERTAS POSSIBILIDADES DE VIDA A DESPEITO DE OUTRAS. DEVEMOS TER SEMPRE EM MENTE QUE FORMAS DE VIDA DETERMINADAS SE FUNDAMENTAM EM AFETOS ESPECÍFICOS, OU SEJA, ELAS PRECISAM DE TAIS AFETOS PARA CONTINUAR A SE REPETIR, A IMPOR SEUS MODOS DE ORDENAMENTO - DEFININDO, COM ISSO, O CAMPO DOS POSSÍVEIS. HÁ UMA ADESÃO SOCIAL CONSTRUÍDA ATRAVÉS DAS AFECÇÕES. NESSE SENTIDO, QUANDO SOCIEDADES SE TRANSFORMAM, ABRINDO-SE À PRODUÇÃO DE FORMAS SINGULARES DE VIDA, OS AFETOS COMEÇAM A CIRCULAR DE OUTRA FORMA, A AGENCIAR-SE DE MANEIRA A PRODUZIR OUTROS OBJETOS E EFEITOS. UMA SOCIEDADE QUE DESABA SÃO TAMBÉM SENTIMENTOS QUE DESAPARECEM E AFETOS INAUDITOS QUE NASCEM. POR ISSO, QUANDO UMA SOCIEDADE DESABA, LEVA CONSIGO OS SUJEITOS QUE ELA MESMA CRIOU PARA REPRODUZIR SENTIMENTOS E SOFRIMENTOS.”

**SAFATLE, VLADIMIR. O CIRCUITO DOS AFETOS: CORPOS
POLÍTICOS, DESAMPARO E O FIM DO INDIVÍDUO. 2. ED. REVISTA.
BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2016.**

¹² Perspectiva adotada por Walter Benjamin para refletir sobre a experiência em seu célebre ensaio “O narrador”. Para Benjamin, a natureza da “verdadeira narrativa” é proveniente da experiência do narrador – na narrativa se imprime a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

É a perspectiva transformadora dos afetos que nos interessa ter em mente para promovermos recortes nos vetores temáticos a nortearem o primeiro curso, ele próprio um circuito de afetos que busca colocar o pensamento em movimento para uma reflexão sobre os diferentes tipos de afecções postas em circulação na sociedade. **No JUVENTUDES EM CURSO, o afeto é delineador da própria metodologia, na medida em que as jornadas formativas se permitem afetar continuamente pelas contribuições dos grupos participantes.** Em outros termos, a dimensão porosa das formações se constitui em estratégia para a constante atualização do curso, que se dá pela partilha de atores diversos e pelas tensões provocadas no encontro de distintos olhares e experiências de mundo.

Como um conceito aglutinador, **o afeto, portanto, aprofunda e ressignifica os vetores temáticos e também os marcos conceituais, territórios e coletividades fundantes do Redes Juventudes.** Ao pensar na perspectiva do afeto, estamos evocando não só as forças objetivas que tanto atravessam as agendas

de políticas e programas para juventudes (o trabalho, a renda, a educação, a segurança), mas partindo também do emaranhado subjetivo que determina escolhas e não escolhas dos jovens. Cada dimensão pragmática é atravessada por dinâmicas interpessoais, tensões, relações e disputas – sentimentos intensos que muitas vezes são invisíveis para as estatísticas, mas que dizem muito sobre a formação de trajetórias individuais e coletivas.

Portanto, ao falar sobre territórios, sobre o direito à cidade e sobre as forças relacionais que esses espaços possuem, estamos apostando no estabelecimento de pontes, na desobstrução dos afetos. Estamos trabalhando a favor de uma sociedade que se permite ser afetada pela vida e que, a partir dela, enriquece e se reorganiza. O esforço é pela concepção de redes, pelo acesso a capital social e pela diversificação do que é legitimado como capital cultural. Estamos falando, enfim, da construção de uma sociedade plural – e as juventudes são agentes fundamentais nesse processo.

ESTÍMULOS PARA PENSAR OS TERRITÓRIOS E SEUS AFETOS

“ME CHAMOU ATENÇÃO ESSA QUALIDADE DO LUGAR COMO TERRITÓRIO SUBJETIVO, DESSE LUGAR DE ONDE SE VEM, E ELE SE TORNA REIVINDICAÇÃO (...) E AINDA MAIS UMA CIDADE COMO SÃO PAULO, QUE TEM ESSA SÍNTESE DE BRASIL TAMBÉM, DE VÁRIOS LUGARES, E QUE AS HISTÓRIAS SÃO FEITAS TAMBÉM A PARTIR DESSE LUGAR DE AFETO, DE ORIGEM QUE MARCA AS PESSOAS. ISSO EU ME LEMBRO, FOI BEM... ISSO ME CHAMOU ATENÇÃO, E ACHO QUE FOI UMA COISA DE PROXIMIDADE. NÃO ESPAÇO FÍSICO, EXATAMENTE, MAS ESSA REFERÊNCIA QUE FORMA O OLHAR DA PESSOA (...)”

“ACHO QUE ELES TROUXERAM UMA VERSÃO QUE TEM A VER COM ISSO, DE RECONHECIMENTO. O MEU TERRITÓRIO, O MEU BAIRRO PRESENTE, A MINHA FAMÍLIA ESTÁ PRESENTE, E EU LIGARIA COM OUTRA DIMENSÃO QUE EU OUVI BEM PRESENTE, QUE É A DIMENSÃO RACIAL. (...) A DIMENSÃO RACIAL, E ACHO QUE DIRIA QUE ISSO TEM A VER COM RECONHECIMENTO. ENTÃO O OLHAR PARA SI, E A REIVINDICAÇÃO DE QUE O MUNDO RECONHEÇA, VALORIZA.”

“ÀS VEZES A GENTE PENSA MUITO NO ÍDOLO, NO EXTRAORDINÁRIO, E TAMBÉM ASSIM, NO RESULTADO DO PROJETO, EM VÁRIAS COISAS. E, NA VERDADE, ELES ESTÃO FALANDO MUITO DE UM QUE JÁ ESTÁ. O PROCESSO QUE JÁ TEM, OU QUE JÁ ESTÁ, O RECONHECIMENTO DISSO, E ISSO COMO ALGO TRANSFORMADOR. ENTÃO TEM UMA COISA DE LUTA, TEM UMA COISA DE... AS REFERÊNCIAS NEGRAS, SÃO PAULADA, GENTE BEM REVOLUCIONÁRIA, MAS PRÓXIMA, NÃO FORA, DENTRO.”

TRECHOS EXTRAÍDOS DE RODA DE CONVERSA ENTRE GESTORES E EDUCADORES, COMENTANDO AS PRODUÇÕES REALIZADAS PELOS JOVENS EM UM GRUPO DE ESCUTA

SOBRE TRAJETOS E AFETOS: A JORNADA FORMATIVA E SEUS CONTEÚDOS EM CONEXÃO

2.2.2

Partindo da ideia da sociedade como “circuito de afetos”, o primeiro curso nos conduz a investigar **como diferentes tipos de afetos são postos em circulação na sociedade**. Vejamos, portanto, **quais narrativas as temáticas eleitas podem disparar sob a perspectiva dos afetos**.

A jornada formativa se articula em duas partes: 1) Imersão e 2) Laboratório de Práticas. Durante a Imersão, o curso se subdivide em 6 módulos. Cada

módulo compõe um movimento de pensamento ativado por algumas questões sobre as cinco temáticas problematizadas sob a perspectiva dos afetos. É importante ressaltar que o afeto, em sua condição também metodológica, atravessa toda a formação, estando explicitamente presente tanto na dimensão provocativa das questões que disparam os movimentos de pensamento de cada módulo quanto nas práticas em grupo, que denominamos escutas-formativas.

AS TEMÁTICAS NA PERSPECTIVA DOS AFETOS


FAMÍLIA



RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIAS E TERRITÓRIOS: MORADAS, (DES)PERTENCIMENTOS E IDENTIDADES.

- › Que relação os jovens mantêm com suas ancestralidades e sua história de vida?
- › Como os projetos e programas sociais para juventudes podem trabalhar com a questão da família?
- › Quais as relações entre território e identidades?

CORPO



TENSÕES PSÍQUICAS RACISMO, VIOLÊNCIAS DE GÊNERO AUTOCUIDADO E RESISTÊNCIAS

- › Quais as consequências da obstrução dos afetos na juventude?
- › Que mensagens guardam os altos índices de suicídios juvenis?
- › Como o jovem pode cuidar de si?



AGENCIAMENTOS

- › Em que momento o "eu" se torna muitos?
- › De que forma os jovens têm se organizado individualmente em prol de objetivos comuns?
- › Que oportunidades podem surgir a partir das redes juvenis?



REDES DIGITAIS E TERRITORIAIS: COLETIVOS CULTURAIS, ATIVISMOS, ESPAÇO ESCOLAR, ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

MATERIALIDADES: EXPRESSAR E PRODUIR

- › Quais espaços de produção de novas narrativas de conhecimentos protagonizadas pelos jovens estão disponíveis nos territórios?
- › Que outros lugares podem ser ocupados?
- › Como o jovem pode encontrar no trabalho a materialização de suas escolhas de vida?



PRÁTICAS SOCIAIS E CULTURAIS MUNDO DO TRABALHO EMPREENDEDORISMO

CRIMINALIZAÇÃO DAS JUVENTUDES

- › Quais são as formas de violência contra a juventude?
- › Como as políticas e programas têm enfrentado questões contra a violência juvenil?
- › Como as trajetórias de vida são afetadas pela violência?

**GENOCÍDIO
VIOLÊNCIA FÍSICA
VIOLÊNCIA SIMBÓLICA**

1ª PARTE - IMERSÃO

MÓDULO 1

SOBRE MUROS E OCUPAÇÕES



O primeiro momento da jornada formativa tem como objetivo reconhecer o contexto de desafios que emergem da sociedade contemporânea para as juventudes e também mapear algumas estratégias juvenis que subvertem a lógica de uma “cidade partida”. Para isso, o afeto se assume como “condição metodológica” a partir da escuta-formativa realizada com o grupo de participantes. A ideia é promover a integração e capturar questões de interesse do grupo.

OBJETIVOS

- › Sociedade de muros: o espaço como operador de leitura
- › Frestas, bordas e ocupações: juventudes que desafiam os muros

TÓPICOS A SEREM ABORDADOS

- › O que nos afeta? O que nos conecta? Diagnóstico participativo sobre questões trazidas pelos participantes do curso

QUESTÕES DISPARADORAS

Quais as consequências da chamada sociedade de muros para o exercício da diversidade nas malhas urbanas? Em que medida as estruturas de confinamento podem gerar reações de intolerância sobre o modo de existir do outro? Quais as relações entre as narrativas produzidas pela mídia hegemônica sobre as periferias e seus moradores e os projetos urbanísticos destinados a dividir a cidade? Como as juventudes têm profanado a lógica da cidade partida e ocupado espaços? Quais são os caminhos possíveis para uma cidade de pontes?

MÓDULO 2

FAMÍLIA E TERRITÓRIOS: O LUGAR DE ORIGEM E A TRAVESSIA



Este módulo prioriza as questões que surgem da conexão entre família e território. O objetivo é debater sobre os vínculos íntimos que se estabelecem e como o sentimento de (des)pertencimento impacta as juventudes. Outra abordagem será a respeito das rupturas dessa fase da vida e como elas afetam as trajetórias juvenis.

OBJETIVOS

- › Família e territórios: moradas, (des)pertencimentos e identidades.

TÓPICOS A SEREM ABORDADOS

- › As travessias: saída do lugar de origem para se conectar a outros mundos

QUESTÕES DISPARADORAS

Que relação os jovens mantêm com suas ancestralidades e sua história de vida? Onde estão os seus exemplos? Para jovens de periferia, a segurança da família e da casa podem também existir em outras redes e espaços da cidade? Como os projetos e programas sociais para juventudes podem trabalhar com a questão da família? Quais as relações entre território e identidades? Como o (des)pertencimento afeta os jovens? Como lidar com as rupturas dessa fase da vida?



Este módulo prioriza as questões pertinentes aos agenciamentos juvenis em conexão com os chamados vindos dessas redes, no sentido de abrir novas possibilidades de experiências para os jovens. Considera-se, nesse contexto, a centralidade do debate sobre as coletividades e distintos modos de organização e mobilização juvenis, bem como a dimensão relacional da escola, de outros espaços educativos do bairro e articulações no ciberespaço, delineando coletividades em contextos globais e locais.

OBJETIVOS

- › Redes juvenis: coletividades na quebrada, na cidade e no ciberespaço
- › Desafios contemporâneos de participação política: representatividade e horizontalidade; institucionalidade e flexibilidade

TÓPICOS A SEREM ABORDADOS

QUESTÕES DISPARADORAS

Em que momento o “eu” se torna muitos? Quais alternativas são vivenciadas e/ou criadas para a existência em grupo? De que forma os jovens têm se organizado individualmente em prol de objetivos comuns? Como a não institucionalização afeta a atuação coletiva? Que oportunidades existem para que os jovens possam se conectar com outros grupos e redes? Que oportunidades podem surgir a partir do capital social? Que aspectos territoriais favorecem mais agenciamentos juvenis?



O módulo quatro articula questões pertinentes às violências – físicas e simbólicas. A violência física relaciona-se ao genocídio da juventude negra e à criminalização dos jovens na periferia. Já a violência simbólica nos permite pensar nos modos como eles são afetados pela brutalidade da sociedade. Nessa perspectiva, devemos aprofundar as tensões psíquicas causadas pelo racismo, feminicídio, machismo e preconceito de gênero. Tratam-se de instâncias intrinsecamente enredadas nas questões que orbitam as violências e a condição dos corpos que ora são devastados, ora resistem.

OBJETIVOS

- › Tensões psíquicas relacionadas à violência física e simbólica
- › Genocídio e criminalização das juventudes
- › Racismo
- › Violências de gênero: homofobia, machismo e feminicídio
- › Corpos e resistências

TÓPICOS A SEREM ABORDADOS

QUESTÕES DISPARADORAS

Quais são as formas de violência contra a juventude? De que forma as violências contribuem para a obstrução dos afetos? Quais as consequências da obstrução dos afetos na juventude? Que mensagens guardam os altos índices de suicídios juvenis? Como romper ciclos de violência? Como o jovem pode cuidar de si? Como as políticas e programas têm enfrentado questões de violência juvenil? Como as trajetórias de vida são afetadas pela violência?

MÓDULO 5

O MUNDO COMO ESPAÇO PARA EXPRESSAR E PRODUIR



Este módulo objetiva estimular o debate sobre as expressividades juvenis na cena contemporânea. Práticas culturais e educacionais, que permitem narrativas plurais de mundo, serão colocadas em pauta. O trabalho também será problematizado como espaço de expressão e produção jovem.

OBJETIVOS

- › Práticas culturais e educacionais como estratégias de resistência à homogeneização
- › Mundo do trabalho e projetos de vida: possibilidades e limites que cercam os novos arranjos produtivos

TÓPICOS A SEREM ABORDADOS

Quais espaços de produção de novas narrativas de conhecimentos protagonizadas pelos jovens estão disponíveis hoje nos territórios? Que outros lugares podem ser ocupados? Como o jovem pode encontrar no trabalho a materialização de suas escolhas de vida? Quais os obstáculos para que jovens residentes em periferias possam gerar renda e desenvolvimento territorial a partir de empreendimentos?

QUESTÕES DISPARADORAS

MÓDULO 6

INSPIRAÇÕES NA BAGAGEM DE VOLTA E EXERCÍCIO DE PRÁTICAS



O módulo seis é voltado para um laboratório de práticas em que o fazer colaborativo se instaura como um contorno metodológico. A ideia é desenvolver e fomentar tecnologias sociais que dialoguem com os conteúdos abordados. Todo o debate gerado a partir do percurso formativo somado às práticas desenvolvidas pelos participantes serão subsídios para a criação da edição seguinte do curso.

OBJETIVOS

- › O fazer colaborativo: questões e desafios
- › Abordagens crítico-metodológicas de processos realizados a partir da criatividade coletiva
- › O realizar de ideias a partir da escuta formativa

TÓPICOS A SEREM ABORDADOS

Como podemos instaurar processos colaborativos e cooperativos que resultem em propostas de práticas? Em que medida as proposições práticas podem contemplar, ao mesmo tempo, as singularidades dos contextos e os interesses coletivos em torno da temática juventudes?

QUESTÕES DISPARADORAS

Na perspectiva do agir coletivamente, o curso culmina em uma segunda parte que preconiza o estabelecimento de redes para a co-criação de práticas que serão fomentadas pelo Itaú Social.

A proposta, portanto, é que todo arcabouço teórico/metodológico mobilizado durante o Juventudes em Curso possa posteriormente transbordar para outras jornadas formativas que ofereçam subsídios para um grupo mais amplo que desenvolve ações para juventudes e que compõe o programa Redes Juventudes.



2ª PARTE LABORATÓRIO DE PRÁTICAS

JUVENTUDES EM CURSO

MAPA DA JORNADA

FORMATIVA: TRAJETOS E AFETOS



AS ARMADILHAS DO CAMINHO



O MUNDO COMO LUGAR DE EXPRESSAR E PRODUIR



LABORATÓRIO DE PRÁTICAS



PARA
INSPIRAR:
OS MÓDULOS
E SEUS
MOVIMENTOS
DE
PENSAMENTO

SOBRE MUROS E OCUPAÇÕES 1

Ao forjar o conceito de sociedade condominial, o psicanalista Christian Dunker¹³ evidencia uma forma de moradia – cujo modelo tornou-se cada vez mais recorrente na década de 1970, em São Paulo – que rapidamente transbordou-se para uma forma de organização da sociedade, em que o outro é visto sempre como uma ameaça. A partir de um contexto marcado pela ditadura civil-militar, as narrativas do medo e do controle, então, ganharam força.

Conforme afirma Dunker, em prol da obstrução de qualquer tipo de imprevisto, tão comum nas relações humanas, esses novos projetos urbanísticos destinados à classe média e às elites – que culminaram também em novos estilos de vida – repartiram a cidade em segmentos que reúnem apenas sujeitos que têm as mesmas características econômicas, raciais e culturais, evitando, assim, o contato com pessoas que destoam desse grupo e que, na maior parte das vezes, vivem nas franjas da cidade (“a não ser que estes sujeitos estejam devidamente autorizados e uniformizados para atuarem como profissionais”, conclui o psicanalista).

A consequência desses movimentos é que a sociedade brasileira, sobretudo nas grandes cidades, acabou por reduzir cada vez mais os espaços de convivência e de diversidade (aspectos que são fundantes da própria noção de cidade e urbanidade). Nesse sentido, estamos falando de sociedades organizadas para manter estruturas de confinamento em que a mínima convivência com a diferença já causaria reações de intolerância – que, por sua vez, acabariam perpetuando e agravando o que Dunker chama de *sociedade de muros*.

A não convivência, ou a *utilização* da cidade como um simples conjunto de serviços e estruturas, ausentes de experiências e de pessoas, faz com que a obstrução dos afetos – saudáveis germes de mundo – seja uma consequência inevitável. Dessa forma, sem ser afetado pelo imprevisto, é muito mais fácil se organizar internamente e estabelecer narrativas racionais e estanques como sujeito e, conseqüentemente, como corpo político.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z3fvSg9_6Mo>.

FAMÍLIA E TERRITÓRIOS: O LUGAR DE ORIGEM É A TRAVESSIA 2

O tema **família** se destaca dos demais pois foi o que apareceu de forma mais intensa e literalmente exposta nos materiais produzidos pelos jovens durante os encontros de escuta.

A casa, as próprias comunidades em que vivem ou mesmo as cidades de origem de suas famílias aparecem com recorrência. Sobre esse aspecto, há fortes associações sobre a família como uma espécie de coletividade íntima que se estabelece em um território, promovendo entre seus sujeitos um singular sentimento de pertencimento.

Perguntados sobre suas inspirações, a figura da mãe aparece como central, seguida da figura da avó, tio e pai.



“ACHO QUE NESSAS ÚLTIMAS DÉCADAS TEVE UMA ASCENDÊNCIA DOS JOVENS, PRINCIPALMENTE DOS JOVENS NEGROS DA PERIFERIA DENTRO DOS ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS, O QUE TENCIONOU ESSES ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS A RECONHECEREM A NOSSA NARRATIVA, A NOSSA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA, AS NOSSAS REIVINDICAÇÕES. EU FUI CONHECER, POR EXEMPLO, MILTON SANTOS MUITO RECENTEMENTE NA UNIVERSIDADE. E, DEPOIS DISSO, A RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO, PRA MIM, MUDOU MUITO (...) ELE FALA ASSIM, TIPO ‘O CENTRO DO MUNDO ESTÁ EM TODO LUGAR, O MUNDO É QUE SE VÊ DE ONDE SE ESTÁ’. EU ACHO QUE NESSA FRASE ELE ESTABELECE UMA RELAÇÃO DE AFETO MUITO PODEROSA, PORQUE COLOCA O SUJEITO NO CENTRO, E AÍ QUANDO O SUJEITO ESTÁ NO CENTRO, ELE ESTABELECE UMA RELAÇÃO DE AFETO E DE TRANSFORMAÇÃO, PORQUE ELE TRAZ PRA SI A QUESTÃO DA MUDANÇA E DA ESCASSEZ; SE AQUELE TERRITÓRIO TEM QUESTÕES A SEREM MELHORADAS, ELE COMEÇA A REFLETIR O QUE QUE ELE PODE FAZER PRA MELHORAR AQUILO, E COMEÇA A OLHAR PRAS COISAS QUE SÃO FUNDANTES. ENTÃO, É UM CONCEITO QUE PRA MIM É UM CONCEITO DE AFETIVIDADE COM O TERRITÓRIO.”

TRECHO EXTRAÍDO DE DEPOIMENTO DE JOVEM
PARTICIPANTE NAS RODAS DE ESCUTA

Palavras livremente associadas pelos jovens para justificar a família como inspiração:

DISPOSIÇÃO, PROATIVIDADE,
CONFIANÇA,
FORÇA DE VONTADE,
AGILIDADE, RESPEITO,
GARRA, CARÁTER, **AMOR**,
CORAGEM, DEDICAÇÃO,
LEALDADE, **FORÇA**,
FÊ, GENEROSIDADE,
CALMA, **UNIÃO**, ORDEM,
DETERMINAÇÃO.

Na pesquisa realizada para o Projeto Jovem Total, que envolveu 1.900 jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense, conforme assinalam as pesquisadoras Hebe S. Gonçalves e Luciana G. Coutinho, as palavras associadas em torno da palavra família “foram fortes e totalizantes, tais como: tudo (resposta mais recorrente), a base de tudo, harmonia, união, essencial”.

O campo semântico dessa abordagem sugere uma idealização da família pelos jovens, anunciando seu papel significativo no nucleamento dos laços sociais ao ocupar um lugar proeminente em suas vidas. Como bem lembra Abramo (2005, p. 60), a família seria uma “instância fundamental para a vida” em diversos âmbitos: afetivo, ético e comportamental.

É interessante perceber a ausência, nas palavras-chave extraídas desse momento, de um campo semântico voltado para a dependência material. Nenhum dos jovens participantes do nosso processo de escuta mencionou motivos relacionados ao lado provedor da família como justificativa de sua inspiração. Sabemos que a maioria dos jovens de periferia conquistam muito cedo sua independência financeira ou parte dela, exercitando tarefas de trabalho antes mesmo da idade legal para esse tipo de atuação. Isso porque muitos trabalham e possuem sua autonomia financeira, colaborando, inclusive, com as despesas de casa.¹⁴

APARECEU NAS RODAS DE ESCUTA

É MINHA BASE, É ONDE EU
CONSIGO ME ENCONTRAR E
TOMAR DECISÕES.

¹⁴ A esse respeito, ver LEÃO, Geraldo; SYMAIRA, Nonato. Juventude e trabalho. In: CORREA, Lúcia M.; ALVES, Maria Z.; MAIA, Carla L. (Orgs.). *Cadernos Temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

Em suma, a rede de inspirações que dá centralidade à família foi movida não pelo apoio financeiro dado pela família, mas pelas trocas afetivas e simbólicas que atravessam os vínculos familiares desses jovens. Em relação a esse contexto, Gonçalves e Coutinho (2008) assinalam que “a violência, a falta de amparo institucional e as dificuldades de inserção no mercado de trabalho terminam por produzir um reforço dos valores familiares”. Esse cenário pouco acolhedor levaria a “um refluxo sobre a família, tornando-a referência não só primeira, mas fonte quase isolada de amparo”. Na perspectiva das autoras, na ausência das precárias condições e oportunidades sociais que lhes são oferecidas, a família toma

para si o lugar de uma certa estabilidade para as juventudes pobres. Carentes de um suporte mínimo, tanto material quanto simbólico, para a construção de novas referências, não haveria meios para relativizar a onipresença da família.¹⁵

No entanto, na roda de conversa realizada com os jovens, esse lugar de idealização da família é contraposto pela perspectiva de outros jovens. Eles lembram que muitos não tiveram na família de origem esse lugar ideal e buscaram nos amigos o apoio para seus projetos de vida. Mesmo que dentro de falas isoladas, esses comentários sinalizam contradições no discurso predominante do grupo.



¹⁵ Para as pesquisadoras, a centralidade da família nos discursos das juventudes pobres traduz “a enorme dificuldade que se coloca na construção e sustentação de um espaço público e de um projeto de vida coletiva no Brasil. A construção da vida coletiva demanda a ponderação do interesse individual, no intuito de abrir caminho para referências extrafamiliares, socialmente compartilhadas e legitimamente constituídas. Contrariamente, se a família permanecer como único ideal na construção dos projetos de vida dos jovens brasileiros, e tender por isso a ser superestimada e idealizada, o jovem e a sociedade ver-se-ão privados das suas possibilidades de crescimento e renovação”.

OS AGENCIAMENTOS E OS CHAMADOS 3



A temática **agenciamentos** aglutina uma série de referências evocadas por jovens, educadores e gestores no que tange aos espaços de sociabilidade e às estratégias de agrupamento, fortemente ancoradas a modos de resistência, participação e/ou projetos de futuro. Em torno da noção de agenciamento aqui trabalhada orbitam a escola e outros espaços educativos não formais; há também a menção aos coletivos – seja com orientações ativistas, artísticas e/ou empreendedoras.

Os agenciamentos podem ser observados na perspectiva da coletividade e da expectativa de ampliação do capital social. Ao reconhecer estratégias de agenciamento como válidas, o jovem se movimenta em direção aos seus desejos, ideais e projetos de vida, ou mesmo articula interessantes respostas aos desafios que lhe são apresentados.

Como bem lembram Oliveira e Hermont (2014), a participação juvenil contemporânea é bastante diversa e abarca várias dimensões: cotidiano, ações e agrupamentos formados nos bairros e nas escolas, militância em movimentos sociais diversos, o ciberativismo e participações na construção de políticas públicas, dentre outras formas. Os autores ainda salientam que o ativismo pode se dar por meio de várias ações que abrangem desde protestos, manifestações, mobilizações e desobediência civil até movimentos, grupos e partidos políticos. Todas essas formas retratam engrenagens participativas

protagonizadas pelos jovens na cena contemporânea. O agenciamento, nessa perspectiva, se constrói tanto no momento em que o jovem se coloca em relação ao outro como também no momento em que ele encontra no outro um alinhamento que o afeta, fortalecendo, nessa partilha, seus desejos.

Estamos aqui tratando, portanto, de diferentes modelagens de agenciamentos que passam pelo desejo, pelos espaços institucionais e não institucionais de educação e trabalho, pelas organizações comunitárias, por coletivos multitemáticos, pelas redes sociotécnicas e por outros mecanismos de articulações territoriais.

As dinâmicas de coletividades e estabelecimento de redes são interessantes também para pensarmos as diversas arenas de possibilidades e experiências em que os jovens podem se conectar por meio desses agrupamentos. No estudo “Novos fluxos na busca por oportunidades: trajetórias de jovens das periferias da cidade” (ZANELLI, 2016), evidenciou-se algo já mencionado por Mark Granovetter (1973) em “A força dos laços fracos”, em que os laços fracos (amigos de amigos, apenas conhecidos) são responsáveis por trazer novas oportunidades, mas estas só são legitimadas a partir da aderência de laços fortes (amigos, familiares, professores). Isso quer dizer que as juventudes buscam nos pares esses filtros de chamados que muitas vezes os interpelam por meio das redes em que estão inseridos.

Ao observarmos a escola coabitar a temática agenciamentos, um ponto de fissura se revela, se contrastarmos as percepções dos jovens com as percepções dos gestores e educadores. Durante o processo de escuta, muitos jovens citaram espontaneamente alguns professores como sujeitos inspiradores. No entanto, nas relações de mudanças e transformações produzidas pelo grupo de jovens, a escola não aparece como espaço em que melhorias são reivindicadas. Tal aspecto foi observado por uma professora da rede pública de ensino que se inquieta com essa ausência e denuncia o que considera uma ambiguidade, fruto do que nomeia “desligamento institucional”, uma descrença generalizada na escola; “porque a escola é o aparelho social que os atende todos os dias, e é o único lugar em que se a criança, adolescente e jovem não aparecer, você tem que mandar buscar. Você tem que perguntar o que que aconteceu. Não é estranho?”, observa.

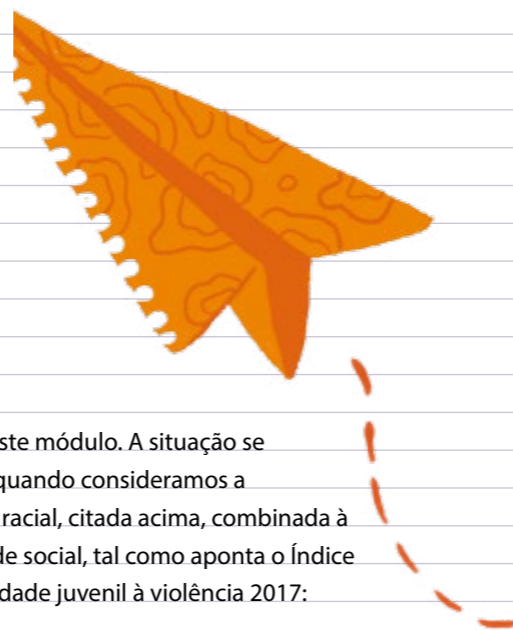
A professora ainda diz acreditar que tal descrença abarca não apenas o jovem, mas também os educadores que não trabalham em escolas. “Muitas vezes, nós abrimos mão de investir na instituição escola. A gente acredita mais ou no fim da escola, ou na completa reorganização da escola. Mas a fé, ou a vontade de transformação na escola, de dentro da escola, é uma descrença que já é bastante forte.”

O que a professora nomeia como descrença ou “desligamento institucional” pode ser associado ao fato de que o jovem não vê na escola um espaço aberto à transformação, portanto, não o coloca como espaço para reivindicações. Se, por um lado, temos as recentes ocupações secundaristas que nos dão um extremo contraponto desse quadro, nos surpreende encontrar em robustas pesquisas quantitativas dados que validam a livre percepção da professora.

Outros educadores presentes no debate relativizam a observação da professora. Um educador social relata uma percepção de seu grupo de trabalho: “a gente percebeu que a universidade, cursos, espaços de produção e de compartilhamento do saber apareceram muito. E a gente inclusive chegou à conclusão de que se vende uma falsa ideia de que o jovem não dá tanta importância para o estudo, para a escola e para a continuidade da sua educação cognitiva, curricular, enfim. [...] A gente percebe que o processo de educação está sendo apresentado de diferentes maneiras”.

O educador pontua uma crescente atenção tanto aos espaços educativos não formais quanto à possibilidade de escolha que o jovem reivindica como direito. Nessa orientação, a universidade, por exemplo, deveria ser uma entre outras tantas possibilidades de escolha.

AS ARMADILHAS DO CAMINHO 4



Esta etapa da jornada formativa aglutina questões pertinentes às violências – simbólicas e físicas – que assolam os jovens, sobretudo os jovens negros da periferia, articulando a temática das violências à temática do corpo. Trata-se de um momento que estabelece um particular recorte sobre o corpo, apresentando-o como instância que se torna sensível ao “ser afetado” pelo mundo. O corpo – tanto na sua dimensão física quanto na dimensão psíquica – carrega as marcas da violência, mas também pode se constituir resistência.

Durante o ano de 2016, 33.590 jovens foram assassinados no Brasil – a maioria homens (94,6%) (IPEA/FBSP, 2018, p. 32). Conforme o Atlas da Violência 2018 (p. 40), a taxa de homicídio da população negra é mais de duas vezes e meia maior do que a taxa da população não negra (40,2% e 16%, respectivamente). Discrepância similar também ocorre quando observamos os homicídios de mulheres negras, taxa 71% maior do que a taxa de mulheres não negras. “É como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos”, aponta o documento.

Racismo, feminicídio, machismo e preconceito de gênero, portanto, se prolongam nas

discussões deste módulo. A situação se complexifica quando consideramos a desigualdade racial, citada acima, combinada à vulnerabilidade social, tal como aponta o Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017:

Essa desigualdade se manifesta ao longo de toda a vida e em diversos indicadores socioeconômicos, em uma combinação perversa de vulnerabilidade social e racismo que os acompanha durante toda a vida. Não à toa, negros e negras ainda sofrem com enormes disparidades salariais no mercado de trabalho: dados recentes divulgados pelo IBGE mostram que negros ganham 59% dos rendimentos de brancos (2016). Negros representam 70% da população que vive em situação de extrema pobreza, concentram maiores taxas de analfabetismo do que brancos – 11% entre negros e 5% entre brancos (PNAD, 2016) –, além de constituírem mais de 61% da população encarcerada (DEPEN, 2014), embora representem 54% da população (IBGE) (BRASIL, 2017, p. 47).

Todo esse contexto acentua as violências práticas no cotidiano dos jovens e também as violências simbólicas. Esse quadro agrava ainda

mais um tipo de violência institucionalizada, que é a criminalização das juventudes.

Uma pesquisa¹⁷ desenvolvida pelo Instituto Sou da Paz e lançada recentemente, ouviu adolescentes cumprindo medida de internação na Fundação Casa com o intuito de investigar a reincidência infracional de adolescentes no estado de São Paulo. Os jovens entrevistados, em sua maioria, são pretos ou pardos (76%), 60% têm 16 ou 17 anos de idade e também 60% cometeram seu primeiro ato infracional entre os 12 e os 14 anos de idade. O trecho abaixo cita o estigma social como um fator que colabora para o retorno do jovem para os centros de medida socioeducativa.

Para além da vulnerabilidade socioeconômica, evidenciou-se que o estigma social contribui para a reincidência. Diversos adolescentes descreveram constrangimentos e humilhações sofridas em seu cotidiano, seja na escola, em estabelecimentos comerciais ou em equipamentos públicos. Em um contexto marcado pela desigualdade e discriminação, a aquisição de bens se torna um meio de afirmação perante os pares e de neutralização dos efeitos do preconceito (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2018, p. 32).

Decerto que a temática do corpo poderia comportar múltiplas possibilidades de problematizações e recortes. Ela poderia ser recortada tanto na perspectiva da identidade,¹⁸ da sexualidade, quanto na perspectiva da autoestima e da beleza, e também da saúde e do cuidado de si. Optamos aqui por estabelecer a conexão com a temática das violências pois, de certa forma, essa aproximação nos permite inserir na conversa todas as possíveis acepções para o corpo elencadas acima: identitária, sexual, da autoestima, da saúde, do cuidado e dos direitos.



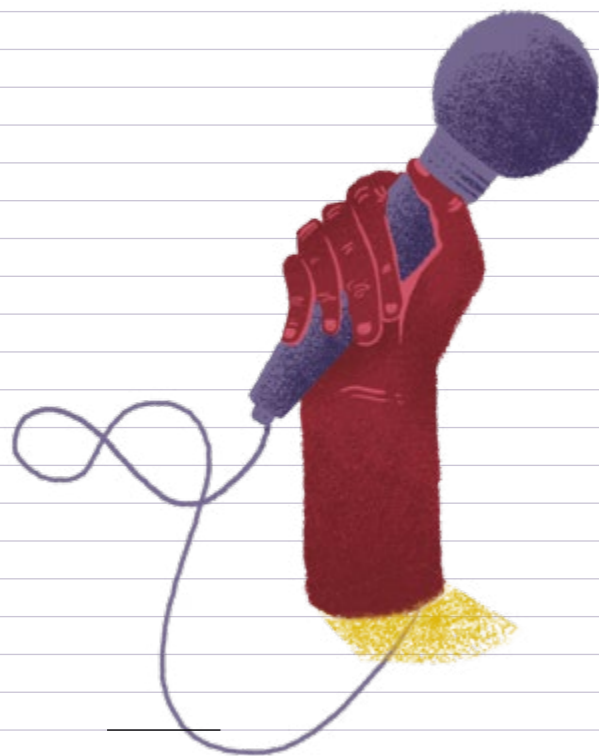
¹⁷ *Aí eu voltei para o corre*: estudo da reincidência infracional do adolescente no Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.soudapaz.org/upload/pdf/ai_eu_voltei_pro_corre_2018.pdf>.

¹⁸ “O eu é o corpo”, sinaliza Maria Rita Kehl (2005, p.110). A psicanalista se refere ao fato de o eu e o corpo projetarem uma totalidade, não sendo instâncias a serem consideradas de forma separada. Estamos aqui tratando de uma noção que coloca o corpo em sua permanente condição de ser afetado pelo mundo, pelo fluxo e velocidade da vida, pelos estímulos de determinados padrões comportamentais, estéticos, de consumo e também de visibilidade.

Estamos aqui destacando um tipo de violência que se estabelece na relação do jovem com o mundo e, conseqüentemente, na ausência de um cuidado de si que deveria se instaurar no *eu-corpo*. Todo um cenário corrobora para quadros de tensões psíquicas preocupantes nas nossas juventudes. Em outras palavras, as tensões psíquicas dizem respeito à violência e também ao corpo. Sobre a angulação que aqui queremos discutir, Maria Rita Kehl oferece uma pertinente contribuição, contextualizando nossa experiência de mundo a um imperativo contexto midiático:

Nas sociedades do espetáculo, só valem os sentimentos que prestam às imagens adequadas ao discurso midiático. Os “sentimentos desprovidos de mídia” não têm reconhecimento, não têm expressão. Os sentimentos normais da vida, os lutos, as perdas, as fases da timidez, de desânimo, os momentos de recolhimento necessários à reflexão e à contemplação, não encontram lugar, não são respeitados – ou então se tornam imediatamente alvo da medicina psiquiátrica (KEHL apud CANTON, 2009, p. 28).

Os índices de depressão e o assustador quarto lugar que o suicídio ocupa entre as causas de morte de jovens no Brasil chamam atenção para tensões reais nos corpos juvenis; tensões estas, costumeiramente, abordadas de forma indireta ou desviante.¹⁹



¹⁹ Em setembro de 2017, o Ministério da Saúde divulgou o primeiro “Boletim epidemiológico de tentativas e óbitos por suicídio no Brasil”. Conforme o boletim, a média nacional é 5,5 suicídios por 100 mil habitantes. “Entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio é maior entre os homens, cuja taxa é de 9 mortes por 100 mil habitantes. Entre as mulheres, o índice é quase quatro vezes menor (2,4 por 100 mil). Na população indígena, a faixa etária de 10 a 19 anos concentra 44,8% dos óbitos”. Disponível em: <<http://www.saude.ms.gov.br/2017/09/21/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-caoa-de-morte-entre-jovens/>>.

O MUNDO COMO ESPAÇO PARA EXPRESSAR E PRODUZIR 5

A temática **materialidades**, elencada durante as rodas de escuta que originaram o curso, se articula aos modos de expressão e produção juvenis – daí a denominação deste módulo. Antes de nos determos aos tipos de produção criados e postos em circulação pelos jovens que nos interessa destacar neste momento, vale um esclarecimento sobre o que entendemos por *materialidades*.

As elaborações sobre criatividade e processos de criação nos apontam alguns importantes pressupostos e nos permitem entender as **materialidades como ordenações** que, movimentando-se nos contextos múltiplos de linguagens, nos apresentam modos de comunicação e expressão. Fayga Ostrower (2007, p. 34) toma a materialidade como instância que não se prende apenas a uma dimensão matéria das coisas, mas sobretudo a um campo de potencialidades latentes que o exercício de buscar ordenações para o mundo faz emergir. Para a autora, as materialidades se constroem em um campo relacional, pois dizem, ao mesmo tempo, de atribuir uma ordem à matéria e também traduzir uma ordem interior a nós mesmos – daí sua potência de expressão.

O que o jovem produz e socializa? Como ele elabora suas produções e se comunica com o mundo? Que ordenações ele cria para seus desejos, projetos e necessidades?



No contexto da pluralidade das produções juvenis, vale destacar algumas ordenações de mundo que as juventudes evocam: produções artísticas e/ou culturais; circuitos tecnológicos e midiáticos; o trabalho.

Apesar de não serem as únicas formas de materialidades, a menção às artes e às manifestações culturais são inspirações recorrentes nos jovens e também práticas habituais do trabalho dos educadores sociais.

Os circuitos tecnológicos e midiáticos se apresentam como espaços a serem ocupados criativamente e também como ferramentas cotidianas de compartilhamento e colaboração que favorecem singulares agenciamentos.

O trabalho é um importante componente da vida não só em relação a necessidade de geração de renda, mas como campo de expressão e produção humana. Para as juventudes residentes em periferias a sua relação é ainda mais singular, pois se dá de maneira mais precoce do que com outros jovens de extratos sociais elevados.

A situação dos jovens no universo do trabalho e sua transformação em questões que exigem respostas por parte do Estado devem ser compreendidas dentro do espectro da diversidade e das desigualdades presentes na vivência da condição juvenil (que engloba classe, gênero, cor e raça), dentre outras questões determinantes para a forma de ingresso do jovem no mundo do trabalho.²⁰

APARECEU NAS RODAS DE ESCUTA

TUDO QUE É NOSSO É GAMBIARRA E NO OUTRO É INOVAÇÃO. ESSA MESMA MOÇA, A MONIQUE ÊVELIN, NO ÚLTIMO TEDX DELA, TERMINA FAZENDO UM QUESTIONAMENTO PRA PLATEIA. (...) ELA PERGUNTA: 'POR QUE SERÁ QUE O VALE DO SILÍCIO SEMPRE É SINÔNIMO DE INOVAÇÃO E, O VALE DO SILÊNCIO, DE GAMBIARRA?' (...) AÍ EU FIQUEI, COMECEI A PENSAR AQUILO, NÊ? TEM AQUELE FAMOSO CONCEITO DE COWORKING QUE TÁ UM BOOM NAS GRANDES METRÓPOLES, ISSO JÁ EXISTE HÁ MUITO TEMPO NA QUEBRADA.

A inserção juvenil no mercado de trabalho, sobretudo para os jovens de baixa renda, não segue um percurso linear. Para essa parcela da juventude, trabalho, educação escolar e formação profissional acontecem simultaneamente.

Temos ainda que considerar que a não linearidade dessas experiências suscita também disrupções na própria forma como alguns jovens percebem "o trabalho", "a escola" etc. Muitos deles, ao experimentarem circuitos formativos não formais,²¹ vislumbram modos diversos de inserção no mundo do trabalho, engajando-se em formas de produção laboral mais sinérgicas às questões que os provocam – a maioria extraídas de seus próprios territórios e grupos sociais.

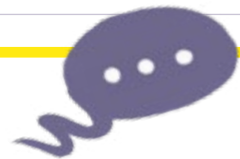
A atitude empreendedora que muitos jovens assumem é um exemplo desse particular modo de ordenação do mundo do trabalho, logo, uma forma latente de materialidade que emerge no próprio contato com o mundo. O empreendedorismo, no entanto, merece ser problematizado: se, por um lado, ele diz de uma postura realizadora que orienta a vida de muitos jovens, por outro, o termo pode ser uma cômoda chancela para a falta de oportunidades no mercado de trabalho formal. Há ainda uma disputa simbólica em relação ao tema do empreendedorismo. Se por um lado existe um discurso que

relaciona o empreendedor com a imagem do vencedor por mérito próprio, do sucesso individualizado, que desconsidera aspectos da desigualdade, de outro existem iniciativas que sinalizam caminhos para o empreendedorismo como desenvolvimento local, como geração de renda associada a formas de expressão e produção coletivas desenvolvidas pelas periferias, até então invisibilizadas pela sociedade e pelo mercado.



²⁰ Sobre o assunto, ver CORROCHANO e ABRAMO, 2016.

²¹ Geralmente, jovens vinculados a coletivos e/ou OSCs.



APARECEU NAS RODAS DE ESCUTA

EU ACHO QUE TEM QUE DISCUTIR TAMBÉM ESSE LUGAR DOS SABERES, O LUGAR DESSAS CONSTRUÇÕES DE METÁFORAS. (...) UM MOLEQUE DE QUATORZE ANOS SOBE NUM ÔNIBUS DE UM PONTO PRO OUTRO, VENDE COCA-COLA, HALLS, SALGADINHO EM MENOS DE UM MINUTO, POR QUE ESSE SABER É “NÃO SABER”, SABE? E AÍ EU ACHO QUE TAMBÉM TÃ NESSE LUGAR DE COMO O EMPREENDEDORISMO É UM LUGAR SUPERESTIMADO, DE COMO A GENTE TÃ ELEGENDO AINDA QUEM É O EMPREENDEDOR E QUEM NÃO É O EMPREENDEDOR.



Villas e Nonato chamam de “campo das possibilidades” os limites que são postos pelo tempo e espaço em que estamos inseridos e que delimitam, de certa forma, muito de nossos projetos de futuro:

De fato, a viabilidade dos projetos de futuro vai depender do campo de possibilidades no qual o jovem vivencia seus desejos, mapeia trajetórias, desenha e redesenha escolhas. Desse modo, o campo de possibilidades compreende as alternativas possíveis de serem sonhadas e desejadas, individual ou

coletivamente, no contexto sociocultural no qual os sujeitos estão inseridos. Assim, o campo de possibilidades delimita ou potencializa um projeto de futuro, pois diz respeito às possibilidades reais que os jovens têm para construir seus projetos (VILLAS e NONATO, 2014, p.21).

Em consonância com as autoras, podemos dizer que o vetor de pensamento *materialidades* oportuniza ao jovem a elaboração e a organização de seus desejos, escolhas e projetos pela via da concretização de suas ideias.²²

²² Sobre o assunto, uma importante referência é “Juventude e projetos de futuro”, de Sara Villas e Symaira Nonato.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, HELENA W. A condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. M. (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 38-39.

BRASIL. Congresso. Senado. *Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103 p. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

BRASIL. Lei n.º 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 27 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim epidemiológico de tentativas e óbitos por suicídio no Brasil*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://www.saude.ms.gov.br/2017/09/21/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-caoa-de-morte-entre-jovens>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. *Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. 87 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0026/002606/260661por.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

CANAL FUTURA. *Maleta Futura*. Disponível em: <<http://www.maletafutura.org.br>>. Acesso em: out. 2018.

CANTON, KATIA. *Corpo, identidade e erotismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARRANO, PAULO. Territórios Juvenis. *Portal EMdiálogo*, Universidade Federal Fluminense, [s.d.]. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/territorios_juvenis.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018.

CATANI, AFRÂNIO M; NOGUEIRA, MARIA A.; HEY, ANA P. ET AL. (ORGS.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CORROCHANO, MARIA C.; ABRAMO, HELENA W. *O trabalho para a juventude no Brasil: novos contextos, novos sentidos?* In: BRASA, XIII, 2016, Providence. XIII Brasa, 2016. Disponível em: <http://www.brasa.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Maria.Carla_Corrachano-e-Helena-W.-Abramo.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018.

DELEUZE, GILLES; PARNET, C. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Série de entrevistas em vídeo. França, 1988–1989.

DIÓGENES, GLÓRIA M. S. Juventudes, violência e políticas públicas no Brasil: tensões entre o instituído e o instituinte. *Sinais Sociais*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 18, p. 102–127, jan./abr. 2012.

ITAÚ SOCIAL/CENPEC. *Jovens Urbanos: marcos conceituais e metodológicos*. São Paulo: Itaú Social/Cenpec, 2015. 95 p.

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. *Carta da Maré, Rio de Janeiro – manifesto das periferias: as periferias e seu lugar na cidade*. Reconhece os territórios periféricos não só a partir das ausências, mas também de suas potências e a sua relação com os outros espaços da cidade. Disponível em: <<https://fundacaotidesetubal.org.br/midia/2483.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

GONÇALVES, HEBE S.; COUTINHO, LUCIANA G. Juventude e família: expectativas, ideais e suas repercussões sociais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 597–611, 2. sem. 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10549/8358>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

GRANOVETTER, MARK. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360–1380, May 1973.

GRUPO DE INSTITUTOS FUNDAÇÕES E EMPRESAS. Censo GIFE 2016. São Paulo: GIFE, 2017. 256 p. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2016>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNAD 2017). Rendimento de todas as fontes 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA/FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Atlas da Violência 2018*. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018.

INSTITUTO PORVIR. *Nossa escola 2017*. Disponível em: <<http://porvir.org/nossaescolarelatorio>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

INSTITUTO SOU DA PAZ. *Aí eu voltei para o corre: estudo da reincidência infracional do adolescente no estado de São Paulo*. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.soudapaz.org/upload/pdf/ai_eu_voltei_pro_corre_2018.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018.

KEHL, MARIA R. O eu é o corpo. In.: COCCHIARALE, Fernando; MATESCO, Viviane (curadoria). *Corpo*. São Paulo: Itaú Cultural, 2005.

LEÃO, GERALDO; NONATO, SYMAIRA. Juventude e trabalho. In: **CORREA, LICINIA M.; ALVES, MARIA Z.; MAIA, CARLA L. (ORGS.).** *Cadernos Temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

MORIN, EDGAR. Epistemologia da complexidade. In: **SCHNITMAN, DORA F. (ORG.)** *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

NOVAES, REGINA. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. *Sociologia Especial: ciência e vida*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 6–15, out. 2007.

OLIVEIRA, IGOR; HERMONT, CATHERINE. Juventudes e participação política. In: **CORREA, LICINIA M.; ALVES, MARIA Z.; MAIA, CARLA L. (ORGS.).** *Cadernos Temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

OSTROWER, FAYGA. *Criatividade e processos de criação*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

RECUERO, RAQUEL. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SAFATLE, VLADIMIR. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2. ed. revista. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SALLES, CECÍLIA A. *Processos de criação em grupo: diálogos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

SANTOS, MILTON. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VILLAS, SARA; NONATO, SYMAIRA. *Juventude e projetos de futuro*. In: **CORREA, LICINIA M.; ALVES, MARIA Z.; MAIA, CARLA L. (ORGS.).** *Cadernos Temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

ZANELLI, FERNANDA. *Novos fluxos na busca por oportunidades: trajetórias de jovens das periferias da cidade*. São Paulo: Itaú Social, 2016.

ZANELLI, FERNANDA FRAGOSO; SANTOS, WAGNER ANTONIO DOS (ORGS.). *Itinerário para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais [livro eletrônico]: parte I: concepções e metodologias / [Sistematização de conhecimento e produção de textos Renata Alencar, Tailze Melo]*. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2017. 17 MB; PDF.

ZANELLI, FERNANDA FRAGOSO; SANTOS, WAGNER ANTONIO DOS (ORGS.). *Itinerário para as juventudes e a educação integral em Minas Gerais: parte II - gestão democrática, currículo e mudança educacional*. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2018.

JUV
ENT
UD
EM
CUR
SO

V
T
ES





ITAUSOCIAL.ORG.BR



ITAUSOCIAL.ORG.BR